

D. João da Câmara (1852-1908): «um poeta fidalgo»

Os amigos mais próximos tinham-no como uma «creatura philosophica e misteriosa», exprimindo assim a surpresa ou a incompreensão que lhe causava a personalidade e as opções de vida de João Gonçalves Zarco da Câmara.

Impressionava-os desde logo a contradição que encontravam entre o seu berço nobre e a sua natureza simples (humilde, segundo alguns), simultaneamente contemplativa e empreendedora. Traços que se projectariam na sua obra, na sua vida e até no seu aspecto físico.

Resumir as suas origens a uma ilustre família da aristocracia portuguesa é dizer pouco. Descendente directo do navegador que descobriu a Madeira, D. João da Câmara era filho do cruzamento da estirpe dos marqueses e condes da Ribeira Grande (pelo lado do pai) com a dos duques de Lafões (pelo lado da mãe). O seu álbum familiar estava recheado de «embaixadores, ministros, alcaides-mores e ouvidores geraes.»

Nasceu no palácio do seu pai, na Junqueira, em Lisboa, a 27 de Dezembro de 1852. A sua formação começou no Colégio de Campolide e prosseguiu no de N.^a Sr.^a da Conceição e, mais tarde, em Lovaina, na Bélgica. De regresso a Lisboa, por motivo da morte do pai, matriculou-se na Escola Politécnica e, posteriormente, concluiu o curso de «condutor d'obras públicas» (equivalente a engenheiro técnico), do Instituto Industrial.

Empregou-se então nos caminhos-de-ferro, aos quais ficará para sempre ligado. Dirigiu a construção de algumas linhas de caminho-de-ferro, nomeadamente a de Cárceres, no Alentejo, o que poderá explicar a sua preferência por esta região para cenário de muitas das suas peças. Também acompanhou os trabalhos das linhas de Sintra, Torres Vedras, e Cascais, até que, em 1888, foi nomeado chefe de repartição da *Companhia Real* dos caminhos-de-ferro do Norte e Leste. Dois anos depois, ocupará cargo equivalente na repartição dos caminhos-de-ferro ultramarinos, onde se manteve até à data da sua morte, em 1908.

Mas a sua predilecção pelas letras há muito que o levavam a percorrer, em paralelo, outros carris. E foi pelo teatro que iniciou a viagem, era ainda estudante no Colégio de Campolide: em 1873, redigiu os dramas, **O Diabo** e **Nobreza**; o monólogo em prosa e verso, **Charadas e charadistas**; e em 1874, por altura do Entrudo, aventurou-se na comédia, com **Bernarda no Olympo**. Dois anos depois, a 19 de Dezembro de 1876, estreava-se como autor no Teatro D. Maria com a comédia **Ao pé do fogão**.

Por esta altura, assistia-se a uma crescente actividade teatral, para a qual concorriam as obras de outros dramaturgos como **Marcelino Mesquita**, **Gervásio Lobato**, **Eduardo Schwalbach** ou **Júlio Dantas**, apoiados num grupo de notáveis actores como **Chabi Pinheiro** e **Rosa Damasceno**. D. João da Câmara, por via da sua inesgotável criatividade – da qual resultaram cerca de 40 peças –, integrará esse movimento renovador das artes cénicas nacionais, que conciliou o público com o teatro. E durante largos anos, as suas peças animaram os palcos lisboetas para júbilo de todos.

Foi romântico com **dramas históricos**, como *D. Afonso VI* (1890), *Alcácer-Quibir* (1891) e *O Beijo do Infante* (1898) – que faziam vibrar a alma patriótica do público –,

que alcançou os seus primeiros grandes êxitos. Mas aquela que é geralmente considerada a sua melhor peça, *Os Velhos* (1893), inscreve-se no **drama realista de costumes**, ao lado de peças como *Rosa Enjeitada* (1901) ou *A Triste Viuvinha* (1897), entre muitas outras. Os últimos anos da sua carreira de dramaturgo foram dedicados ao **drama simbolista**, uma novidade em Portugal. O simbolismo marcou uma ruptura com os princípios estéticos do romantismo, quer pela sua concepção da criação literária como um trabalho essencialmente plástico, como pelo seu entendimento sobre o papel do artista na sociedade: vocacionado para revelar a beleza e o mistério do mundo e não para denunciar os seus defeitos e lados negros. As peças *O Pântano* (1894) e *Meia-Noite* (1900) são exemplos dessa corrente da arte pela arte.

Da sua carreira de dramaturgo fazem também parte algumas adaptações e traduções como *Amor de Perdição* (1904), inspirada na obra de Camilo, e *A Mordaça* (1905), de Pierre Decourcelle. Mas a sua criatividade literária plasmou-se sob outras formas como a **poesia**, o **romance histórico**, além da **crítica** e da **crónica**. Estas últimas, particularmente, cultivadas na imprensa periódica. Destaca-se aqui a sua colaboração na revista **O Ocidente**, onde, a partir de Agosto de 1895, substituiu Gervásio Lobato, entretanto falecido.

Coincidindo com o rotativismo partidário entre regeneradores e progressistas e, posteriormente, com o governo ditatorial de João Franco, é possível acompanhar através das suas «**Crónicas Ocidentais**», n' *O Ocidente*, o “ambiente” político que então se vivia e alguns dos “casos” que fizeram história. O desconsolo ou desconforto que sentia transpiram das suas palavras sem tomar forma definida, mas não podemos esquecer que as **restrições à Liberdade de Imprensa** (incluindo a censura prévia, a prisão, a deportação, etc.) e a repressão em geral eram crescentes. Recorre por isso a uma ironia fina como a que trespassa pelo seu comentário a uma greve dos tipógrafos ocorrida em Abril de 1904: «Em quanto os typographos estiveram teimosos, fazendo parede, Lisboa andou fora da vida costumada, ignorante do que havia de fazer pela manhã e à noite, e até do que havia de pensar, que há sempre não somente quem ande só para onde outros lhe apontem, mas até quem só pense o que os outros lhe mandam pensar. Ter uma opinião sem saber a do jornal favorito é problema de solução difícil.»

Esta produção diversificada, ininterrupta e, segundo alguns, subordinada ao gosto do grande público e à pressão de empresários e editores, valeu-lhe a crítica de contemporâneos e biógrafos por considerarem que desperdiçou o seu talento. **Fialho d'Almeida**, por exemplo, chora a sua morte lamentando a sua vida: «o pobre João da Câmara não passou dum escravo infeliz da estupidez analfabeta, e duma vítima resignada da exploração gananciosa. E tão generoso, tão tolerante, tão calmo! Ah, pobre amigo!»

Um perfil que se repete pela pena de muitos outros contemporâneos, não raras vezes com tal paixão que o aproximam da santidade. Assim o descreve **Júlio Dantas** sublinhando a sua «religiosidade grave, taciturna, solemne, especial, como de quem, pelo direito de sangue, tivesse o privilegio de ajoelhar mais perto de Deus. De resto, ninguém suspeitaria n'essa figura simples, despreocupada, inculta e quasi plebêa no aspecto, um Câmara de Lobos, descendente dos sumptuosos alcaides de S. Braz.»

Desta personagem caleidoscópica diz-se ainda que foi um noctívago, com currículo para figurar ao lado de Bocage na galeria das figuras típicas da boémia lisboeta da

segunda metade do século XIX. Mas Júlio Dantas recorda-o como um **hedonista forçado** porque «uma horrosa asthma [asma] torturava-o, fazia-o saltar do leito, vestir-se, sair pela porta fora, congestionado, a face roxa, n'uma ancia afflictiva d'ar. Em parte, por conseguinte, a sua bohemia era uma bohemia dolorosa.» A outra parte atribuía-a à sua natureza instável, de inadaptado, que o faziam «a negação de toda a disciplina, de todo o methodo, de toda a ordem.»

E concluímos este esboço biográfico com a informação de que João da Câmara **foi também professor de arte dramática** no Conservatório Real de Lisboa, e membro da Academia Real das Ciências. E foi marido de D. Eugénia de Mello Breyner, filha dos segundos condes de Mafra, e pai de sete filhos: Vicente, José Paulo, Thomaz Maria, Emília, Ana Maria, Maria de Jesus e Maria Antónia. Morreu no dia 2 de Janeiro de 1908, deixando uma multidão de amigos e fãs.

Rita Correia
(05/01/2008)

Bibliografia

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., s.d. Vol. V.

ALMEIDA, Fialho de - **Figuras de Destaque.** 2.^a ed. Lisboa : Livraria Clássica Editora. 1969, p. 213-220.

DANTAS, Júlio - Um Poeta Fidalgo. **Ilustração Portuguesa.** Lisboa. Vol. V, n.º 103 (10 Fev. 1908), 171-181.

PINTO, Pedro - D. João da Câmara. Traços Biographicos. **O Ocidente,** Vol. XXXI, n.º 1045 (10 Jan. 1908), 3-7.